

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

ARTHUR GOTTSCHALK

ENGENHEIRO

Rua de S. Paulo, 103, 1.º

Telephone, 821

Instalações electricas
DYNAMOS & MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

A. D'ABREU

Joalheria e Ourivesaria

SEMPRE NOVIDADES

57 - Rua do Ouro - 59

LISBOA

Grillo & Sá

DEPOSITO PHOTOGRAPHICO

Rua Nova do Almada

Variadissimo sortimento de **Machinas photographicas**, objectivas, chapas, pelliculas, papeis sensibilizados, accessorios e productos chimicos das melhores marcas. — **Ultimos modelos de machinas da Casa Kodak.** — Grande variedade de photographias para photominiatura.

Empreza

Mobilisadora

Miguel Ferreira

FORNECE a prompto, a prestações e por aluguer tudo quanto é preciso para guarnecer uma modesta habitação ou o mais luxuoso palacio.

Preços e prestações resumidos

256, 258

RUA DA PALMA

260 e 260 A

Lisboa



14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE ^{J. Pailte}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000
Produção até hoje 120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours

* **A. HARTRODT** *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas a quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie — PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas (1888)

Grand Prix: Hanoi (1895)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
× × pianos d'esta reputada fabrica × ×



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINBEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39e 41

SUMMARIO: — Thomaz Jorge Junior. — Musicos Nacionaes e a arte nacional. —Notas vagas. —Noticiario —Necrologia.

Thomaz Jorge Junior

A BANDA DO CORPO DE POLICIA DE S. THOMÉ

Quando se se realisou em Paris a exposi-
ção universal de 1900, Portugal teve n'a-
quelle esplendido certamen uma representa-
ção senão das melho-
res, pelo menos mui-
to rasoavel especial-
mente na secção co-
lonial de que havia
uma instalação espe-
cial, que faria honra
a qualquer paiz. E
havia n'esta um por-
menor que o nosso
paiz expoz da mane-
ira mais brilhante e
diremos mesmo uni-
ca, qual foi a banda
do Corpo de Policia
da ilha de S. Thomé.
A banda, composta
exclusivamente de
pretos, esteve alguns
dias em Lisboa antes
de partir para a capi-
tal franceza, e aqui
deu, cremos, um ou
dois concertos, ma-
ravilhando o audito-
rio pela maneira cor-
recta porque exe-
cutou peças de har-
monia de difficil in-
terpretação, como



qualquer boa banda regimental. Mas em
Paris, n'aquelle grande centro artistico, a
admiração foi geral, e chamou a attenção
dos amadores pela coincidência dos artistas
serem exclusivamente da raça negra, sem
outra instrucção que não fosse a musical
porque os pretinhos tocam todos por musi-
ca, que a sabem a valer. Estando as nossas
colonias, ao tempo, e mesmo agora n'um
notorio estado de atraso em assumptos d'ar-
te, a banda deu aos parisienses e a todos os
estrangeiros que n'a-
quelle momento visi-
taram Paris, a im-
pressão de que Por-
tugal tinha as suas
colonias n'um tal es-
tado de desenvolvi-
mento que até n'el-
las se cultivava a mu-
sica d'aquelle não
vulgar maneira.

De passagem seja
dito que embora in-
voluntariamente... in-
trujamos o mundo
civilisado, porque a
banda de S. Thomé
é uma *avis rara* nas
nossas colonias, é
como um bello qua-
dro de Rubens no
meio d'uma collec-
ção de oleographias
baratas; cousa algu-
ma, nas nossas colo-
nias possuímos que
esteja em relação
com aquelle manifes-
tação d'arte. O go-
verno francez fez

elogiar oficialmente a banda e o seu regente.

Veio a proposito fallarmos da banda dos pretinhos de S. Thomé, porque é do seu mestre o sr. Thomaz Jorge Junior, que nos vamos occupar hoje, e dizer alguma cousa de sua justiça, porque nos cumpre a missão de pôr em justo relevo quem como este sr. tanto tem feito em prol da arte, com proficiência, como dedicação, com rara energia, e com uma modestia que nos homens de valor dá o mais bello realce ás suas qualidades e á sua obra.

O sr. Thomaz Jorge não é de modo nenhum um desconhecido na arte musical entre nós. Seu pae, artista de igual nome, teve uma curiosa notoriedade em Lisboa, não só na arte, como no character, de raras e originaes qualidades, e a sua biographia de interessantes pormenores, ainda está por fazer, não obstante a algo detalhada noticia inserta no *Diccionario biographico de musicos portuguezes* do sr. Ernesto Vieira. Bastará citar que como artista foi o primeiro corneta de chaves do seu tempo, e o ultimo que a tocou, tendo-lhe addicionado mais duas chaves da sua invenção, mandando-a á exposição de Paris de 1867, senão estamos em erro; e que organisou e por muitos annos dirigiu a banda dos alumnos cegos da Casa Pia. Como homem, tinha uma força verdadeiramente herculea, junta a um genio e uma coragem pouco vulgares, sendo muito conhecidos em Lisboa os seus actos de valentia.

Foi elle quem deu ao filho as primeiras noções da sua arte, por um systema mixto de amor filial, e aquella irascibilidade que lhe era inherente ao character. Feitos assim os seus estudos de solfejos, estudou violino com Antonio Narciso Pitta, instrumentos de metal com João dos Santos Fernandes, e de palheta com J. d'Oliveira Gião, todos estes professores abalisados. Depois estudou harmonia com Henrique Eugenio da Silva e por morte d'este com Joaquim Cordeiro Fialho tambem já fallecido. Antes dos seus estudos musicaes, Thomaz Jorge foi educado no collegio chamado dos *Inglezinhos*, onde esteve cinco annos a expensas da sr.^a Duqueza de Palmella, mãe da mesma titular ha um anno fallecida.

Thomaz Jorge começou a exercer a sua arte em orquestras de theatros de Lisboa, taes como rua dos Condes (antigo), Gymnasio, Trindade, e S. Carlos onde tocou violino seis epochas seguidas. Em 1878 foi contratado para mestre da fanfarra de artilharia n.º 3, aquartellada em Santarem, onde permaneceu durante quinze annos. N'esta cidade, quando o serviço militar lhe dava

tempo, dedicou-se a congregar os elementos de valor que na cidade havia dispersos, e conseguiu com as ua habil e assidua direcção apresentar uma orchestra (Academia Bellini) em que entravam individuos da primeira sociedade da terra, como Visconde de Athougua, D. Manuel Atalaya, Henrique Dias, etc.

Esta distincta agremiação musical, que suppomos já não existe, attingiu sob a direcção de Thomaz Jorge, uma perfeição de execução que não teria rival em terras de provincia.

Tambem em Santarem dirigio a banda dos bombeiros voluntarios, e em Alpiarça criou uma fanfarra, que se tornou celebre e era composta de lavradores. Tambem criou a banda d'Almeirim. N'um concerto dado no theatro de Santarem, conseguiu Thomaz Jorge reunir debaixo da sua batuta a orchestra da cidade, a fanfarra d'artilharia, e as bandas de Alpiarça e Almeirim, tocando entre outras peças difficeis, a grande marcha *Aux flambeaux* de Meyerbeer.

Em 1893, cremos que desgostoso com a extincção das fanfarras d'artilharia, e um pouco do seu espirito aventureiro, deixou Santarem onde contava tantos amigos e tambem tantas glorias, e foi para a ilha de S. Thomé. Recusara convites para Lisboa, sendo um do fallecido maestro Gaspar para vir fazer parte do sexteto do Theatro de D. Maria e acceitou aquelle, onde ao mesmo tempo que exercia um emprego publico, official da secretaria geral do governo, tinha ensejo de praticar a arte a que se dedicava sempre. Havia já na cidade, capital da ilha, uma banda composta de musicos todos pretos, mas sem organização capaz, e tocando muito *à la diable*. Tinham elles a noção inveterada, de que para se tocar bem bastava dar-lhe força, e quanta mais, melhor! Esta era tambem a opinião do auditorio indigena, e *ça va sans dire*, tambem ainda agora é a de muito *entendedor* alfacinha que só acha bom o tenor que berra quanto póde. Thomaz Jorge teve um trabalho herculeo, physico e intellectual, para fazer abandonar aos pretinhos o systema do barulho, e incutir-lhes a noção da interpretação, que se não faz sem claro escuro, sem sentimento, sem mimo, sem suavidade de sons. Mas se os musicos foram forçados a obedecer á direcção e ao systema do novo mestre, embora de principio pouco convencidos, o auditorio é que nem todo se convenceu de que não era indispensavel o ruido de ensurdecer e bombo e pratos para um cabal desempenho!

Houve desgosto profundo na terra, e como não havia meio de convencer o novo

regente da banda, de voltar ao bom tempo das trovoadas musicas, recorreu-se. coisa curiosa, á ameaça, e a vias de facto! Thomaz Jorge confessá que lhe valeu algumas vezes o ser bom jogador de pau, e discipulo do celebre José Maria Saloio! Se Wagner tivesse advinhado que existia um tal publico na colonia portugueza de S. Thomé, quando em França e na propria Allemanha lhe assobiavam as suas operas por ruidosas em demasia, elle em vez de se acolher á sombra protectora de Luiz II da Baviera, teria fugido para a colonia portugueza, e ali plantaria aquelle theatro que ha annos se admira em Bayreuth!

Comprehende-se quanta paciencia soffredora, quanto improbo trabalho, quanto disabor, e sobretudo quanta dedicação pela arte precisa um homem para conseguir sem desanimar nem ceder perante a ameaça e risco da vida, um resultado tão bello, mas quasi inglorio, porque a não ser a exhibição em Paris, a banda de S. Thomé toca só para o publico da colonia, na maior parte ignorante em coisas d'arte, e como fica dito, em especial apreciando a musica de *batuque*.

Honra pois seja a Thomaz Jorge, que na sua consciencia do dever cumprido, e no resultado da sua obra, acha compensação a tanto trabalho e dedicação!

Alguns estrangeiros, raros, que passam pela ilha em occasião em que a banda toca no coreto da cidade, teem apreciado o labor artistico dos pretos, e um d'elles deixou testemunho publico da sua admiração pelo que ouviu. E' uma opinião insuspeita esta, a do celebre inglez Cadbury, o grande industrial chocolateiro, que foi á ilha de S. Thomé para se certificar do modo porque os portuguezes ali faziam escravatura!

No seu livro, *Os serviços de S. Thomé*, escripto em inglez e já traduzido para a nossa lingua, diz elle a respeito de Thomaz Jorge e da sua banda:

«Posto que talvez não esteja dentro dos estreitos limites d'este relatorio, aproveito a oportunidade de dizer uma palavra de sincero louvor a respeito da banda de S. Thomé, e do seu fundador e regente o sr. Jorge. Este sr. com longa residencia ali, descobriu o talento nato dos indigenas. Por muitos annos tem pacientemente trabalhado com os homens todos indigenas de S. Thomé, de forma que os levou a um estado de perfeição raras vezes excedida na Europa. Foi com justiça que o governo portuguez honrou o sr. Jorge fazendo-o capitão honorario do exercito. Esta banda obteve o primeiro premio da sua classe na exposição de Paris. Duas vezes por semana se pôde

ouvir a esplendida execução de musica de primeira classe, e ver por si mesmo a coragem d'um portuguez, trabalhando desajudado, n'uma tarefa difficilima, e tambem a capacidade do preto, quando bem guiado, n'uma das mais bellas artes.»

Sabemos que Cadbury e o seu secretario Burt iam todos os domingos e quintas-feiras, ainda que chovesse, á cidade, afim de ouvir a banda, e antes de se retirarem foram pessoalmente despedir-se de Thomaz Jorge, offerecendo-lhe mais tarde dois exemplares do seu relatorio em inglez e portuguez.

Thomaz Jorge tem o habito de S. Thiego, a Cruz Vermelha, a medalha de Soccorros a Naufragos, a de assiduidade de serviços no Ultramar, é socio da Sociedade de Geographia, e tem sido varias vezes louvado em portarias do Governo da provincia, e ainda ultimamente por occasião da visita do Principe Real á colonia, em 1907.

Resta-nos dizer qual é a bagagem de composição musical do illustre artista, e pelo seu volume e qualidade se poderá aquilatar do seu valor, e da sua coragem, trabalhando n'um clima inhospito, e sem ao menos aquella sempre grata compensação do acolhimento do publico intelligente.

Musica profana

A sombra do sineiro, opereta em 3 actos, letra de Francisco Palha, 3 symphonias para orchestra, 5 estudos em duetto para trombones, 1 tercetto para trompas de caça, 20 quartettos para instrumentos de metal, arranjos d'operas, 1 quartetto para 3 flautas e saxophone soprano, 21 valsas, 2 quadrilhas de valsas, 24 polkas, 3 contradanças, 1 lanceiros, 22 mazurkas, 3 schottisches, 14 hymnos, 59 passos ordinarios, 37 marchas graves, 2 gavottes, 1 cavatina para saxtrompa, harmonia para quartetto de corda, 25 couplets e cançonetas, 3 habaneras, além d'uma grande quantidade de arranjos de operas, valsas, polkas, etc., de piano para banda orchestra e fanfarra.

Musica religiosa

1 missa a 3 sopranos e órgão para as freiras das Trinas, 3 ladainhas, 1 Domine Deo, solo de baritono, 2 Ave-Marias, 3 Salutaris Hostia, 1 Vexila Regis, 1 Dolores, 1 Veni Sancte Spiritus, 8 tantun ergos.

Não se poderá dizer que tenha vivido ocioso quem tanto tem feito em prol da grande arte dos sons, advertindo que Thomaz Jorge além dos seus deveres como director da Banda do Corpo de Policia, tem o seu emprego publico de official da secretaria do governo, que lhe occupa a maior parte do seu tempo. Fazemos votos para que

elle nunca esmoreça, e não obstante a irreparavel falta que elle faria á sua banda indigena de S. Thomé, muito desejaríamos vel-o em Lisboa, de vez, para o convivio da familia e dos amigos, que os conta em grande numero.

E accorre-nos agora ao terminar, uma estranha lembrança, a admiração por não ter ainda havido um governo, que, no tradicional prurido de estragar o que é bom, haja extinguido a banda de S. Thomé! Não seria cousa de espantar quem já viu acabar com a banda da *Casa da Correção*, e o absoluto desprezo pelos pobres musicos militares!

ARTHUR NOGUEIRA.



OS MUSICOS NACIONAES E A ARTE NACIONAL

A situação precaria, em que se encontram os musicos portuguezes, ameaça aggravar-se com a abertura do anno lyrico, mal os artistas estrangeiros, chamados pelas empresas, invadam os nossos theatros, os nossos circos, casinos e cafés.

Urge portanto que a critica intervenha, chamando a attenção para alguns pontos de vista esquecidos ou ignorados, embora capazes de concorrer para a solução do problema.

Um d'esses pontos de vista é o *nacional*, que ainda não vimos tratado na imprensa, nem versado fora d'ella.

A questão limitou-se até agora ao campo restricto dos interesses, dentro do qual os musicos pedem mais salario e mais garantias, ao passo que os empregarios lh'os negam, certos, como estão, do baixo preço dos artistas estrangeiros.

Não ha duvida de que tal situação, desagradavel para ambos os litigantes, não deve prolongar-se mais a bem dos interesses communs. *Communs*... entende-se de *todos nós*, portuguezes, visto que a arte nacional corre perigo.

Não se nos objecte, que não temos ainda Musica Nacional, isto é, musica assim considerada como expressão da mentalidade portugueza e como tal reconhecida pelo Estado... E' verdade, que a não possuímos ainda; mas certo é que se tem trabalhado pela sua nacionalisação, integrando a Musica na vida portugueza, pelo que se não deve deixar ao desamparo o musico nacional.

Na campanha de reivindicações decorrida

entraram apenas em jogo os interesses terra-a-terra dos artistas e dos empregarios.

Venceram estes por'ora, porque tem por si os privilegios outorgados pelo governo e da liberdade d'acção fornecida pelo capital.

Esta victoria é, porém, como tantas outras, injusta: *primeiro*, porque os interesses dos empregarios collidem com os da nação; *segundo*, porque os prejuizos dos artistas correspondem a uma vergonha nacional.

Demonstremos... Em todos os Estados, ainda os mais rudimentares, o nacional, o *filho* da terra, tem sobre o estrangeiro a primazia d'opção e de liberdade de trabalho, que deriva do proprio facto da sua naturalidade. Goza por isso de mais privilegios, tem mais direitos, usufrue de uma liberdade mais incondicional do que os estrangeiros. D'ahi a supremacia na regencia dos destinos nacionaes; d'ahi a sua collocação de preferencia em todos os cargos publicos.

Isto é da lei e da logica.

A logica e a lei tiveram por si a consagração dos costumes, porque o patriotismo se lhes veio sobrepor, levando os particulares a preferir, como o governo, os nacionaes aos estrangeiros. Naturalissimo!

Em toda a parte é assim, a bem do progresso nacional, a bem da conservação dos patricios, a bem da nacionalisação de tudo quanto seja da terra, idéas, coisas, pessoas. Nem podia ser d'outra forma.

Em Portugal dá-se o phenomeno sabido de ser a nossa (?) terra (?) o inferno dos patricios e o paraizo dos estrangeiros, a tal ponto que a nossa agricultura, a nossa industria, o nosso commercio, a nossa pesca, a navegação, as colonias, as finanças, etc. estão em poder dos estrangeiros, Só o não veem cegos.

A Musica, desnacionalisada no espirito, dêsque s'italianisou na segunda metade do seculo XVIII, ameaça agora, e mais uma vez, desnacionalisar-se nas pessoas, caso vingue a campanha dos empregarios, teimosos em dar a preferencia aos artistas estrangeiros.

E' evidente que a falta de trabalho ou a baixa dos salarios, ou ambos juntos, obrigarão os nossos musicos de profissão a mudar d'officio, entregando de vez as orquestras de Portugal aos artistas estrangeiros.

Certos estamos de que os empregarios, até agora enriquecidos com a collaboraçaõ dos nossos musicos, não quererão de bom grado lançar á margem os collaboradores

da sua prosperidade. Convictos nos sentimentos igualmente de que o Estado não quererá de boa vontade ver desnacionalizado mais um ramo da actividade nacional.

Fallaremos pois a ambos elles. Aos empregariis diremos, que o patriotismo lhes impõe a preferencia aos artistas nacionaes, não só para conservação dos musicos portuguezes, mas também para mantença e progresso da Arte nacional. Os artistas portuguezes tem até agora luctado victoriosamente contra todas as adversidades, desde o ensino deficiente até ao mais completo abandono; o tempo mal lhes chega para ganhar o pão amargurado e ainda assim, graças ao genio que não lhes arrefeceu e á fé que nunca os abandonou, poderam dar compositores como Marcos Portugal, Casimiro, Sá de Noronha, Gazul, Vianna da Motta, Neuparth e outros, regentes d'orchestra como Cossoul, Philippe Duarte e Francisco de Lacerda, e artistas como Marques Pinto, Pitta, Sergio, Neuparth, Campos, Del Negro, os Croners, Martins, Taborada, Severo e outros, que nos tem honrado aqui e no estrangeiro.

O que não fariam elles se os nossos amadores, que são capitalistas, os ajudassem com a sua riqueza? Podem hoje os empregariis, que tem orquestras obrigadas nos seus theatros e circos, olvidar este ponto de vista mais que commercial, patriotico, artistico, humano, do problema?

Como pôdem, logicamente, Santos, que tudo deve ao publico portuguez, Taveira, que tão corajosamente abriu a Trindade á opera lyrica nacional e Anahory que está á frente do theatro nacional da Musica, fechar as portas, negar o amparo, discutir migalhas com o musico portuguez?

E por outro lado como pôde o governo quedar-se indifferente ante a polemica mantida com este ultimo, se o theatro de S. Carlos recebe subsidio do Estado para fornecer musica á nação e ultimamente até para lhes preparar coristas?

Desappareceu acaso a clausula velha que obrigava a Empresa a ter artistas portuguezes e a suppril-os em ultimo caso por musicos estrangeiros? E se esta condição *nacionalisadora*, e por isso mesmo indispensavel, cahiu no olvido, desappareceu por ventura a oportunidade de a restituir o governo á sua alçada?

O subsidio do Estado ao theatro lyrico não é simplesmente um apanagio da investidura de posse nem pôde ser um favor prestado a um particular com o dinheiro de todos: reveste-se da feição augusta de amparo a uma empresa para cumprimento d'um serviço nacional.

Já que não pôdem, como tanto pedimos ha 30 annos, cantar-se alli em portuguez operas de portuguezes, elevando o theatro lyrico a *theatro nacional*, estatue-se ao menos, e de modo claro e irrevogavel, que a orchestra e os cantores sejam de preferencia nacionaes, e que só na sua falta se admittirão estrangeiros.

Bem sei que o Snobismo e a Ignorancia, de mãos dadas com a filaucia, hão de clamar que a Arte — a Arte d'elles, coitados! — perigará, porque ainda não temos cantores nem musicos bastantes. Admittamos que seja assim, por momentos.

Mas é exactamente por os não collocarmos no theatro lyrico, que elles se não formam, nem educam nas esferas elevadas da opera, porque sendo musicos, instruidos na Escola *nacional* do Conservatorio, supõem naturalmente que tem os logares e o futuro garantido n'aquelle e n'outros theatros pelo Estado e pelo publico.

Illudidos porém pelo governo, que lhes não garante coisa alguma, e explorados pelas empresas que multiplicam os ensaios sem augmentar o salario, os pobres artistas tem que se accommodar a logares e funções subalternas, tocando para viver quem sabe aonde e o quê!

Abram-se-lhes as portas, regulamente-se-lhes o trabalho e fixe-se-lhes um salario digno e ver-se-ha se em dois annos de pratica sob um bom regente elles não são capazes — como já demonstraram — de tocar bem as sublimidades de Bach e de Beethoven, de Wagner e de Cesar Franck!

Não ha regente nenhum estrangeiro que não louve os artistas portuguezes pela sua attenção profunda, rapidez de leitura e resistencia ao trabalho. Em parte alguma do mundo se ensaiam operas em tão poucos dias como em Portugal.

O que falta pois para completo aproveitamento d'estas qualidades e perfeita utilisação d'esta classe prestimosa? Só tres coisas, 1.º benevolencia e patriotismo das empresas; 2.º solidariedade da classe musical, para que não recue na defeza dos seus direitos; 3.º intervenção legal para que cesse o arbitrio das empresas e se dê a preferencia aos artistas nacionaes.

Ignoramos, é claro, o que fará este governo ou qualquer outro, porque todos elles parecem curar pouco dos interesses nacionaes.

Não é porem menos sabido que o movimento evolucionista, que hoje está attrahindo e concentrando cada classe em torno dos interesses communs, se transformará em breve em agitação revolucionaria, mal todas as classes se convençam de que o go-

verno é o agente das empresas capitalistas na desnacionalisação do paiz.

Arruinados estamos já; para desnacionalizados falta pouco. Reajamos enquanto é tempo e unamonos todos.

Estoril, 16 de julho de 1910.

CAR. OS DE MELLO.



Cartas a uma Senhora

147.^a

Alto Douro

É de muitas leguas de Lisboa que hoje venho procurar-lhe a porta

Em volta de mim a linha azulada d'uma cordilheira immensa dá-me impressão do vago, do indefinido; e, entrando-me pelos olhos, uma paisagem interminável, ora suave como um sorriso, ora severa como uma ameaça, eleva-me o espirito e alvoroça-me o coração, pois um e outro se sentem arrastados para muito longe dos miserandos e pequeninos episódios que em geral atravessam a nossa vida.

Por certo que também esta aqui se faz sentir, com as suas exigencias e com as suas paixões, e sobretudo quando perto de mim vejo passar creaturas que pela especie parecem humanas, mas que pelas dolorosas condições da sua situação occupam evidentemente um infimo logar entre os exemplares do typo social e os productos da animalidade, pura e simplesmente instinctiva, reconheço com tristeza que bem distantes andamos ainda d'essas luminosas paragens, para onde uma generosa philosophia pretende que caminhamos...

Oh! A afflictiva historia de quasi todos esses lobregos e alcandorados casaes que aqui e ali cortam o variado e luxuriante panorama d'esta formosissima região!

Que inconcebiveis dramas, que incalculaveis desgraças lá dentro se teem passado!

Nem luz n'aquelles espiritos, nem muitas vezes pão n'aquelles estomagos!

Estamos n'um recanto largamente amado dos Deuses, mas avaramente servido pelos homens, e isto explica que cantando por exemplo agora a agua por toda a parte,

meses ha no anno em que ella falta para os mais comesinhos usos!

Diz-nos o lavar da terra que deve de haver abundancia de fructos e legumes, de bacellos e cereaes, e em mais de um lar a indigencia espreita e não poucos entes mal saberão sequer o que venha a ser isto de comer á hora exacta!

Decretam para ahí uns taes que se convencionou chamar representantes do Estado varias e mirificas providencias em favor da publica administração e o maior numero d'estes seus administrados nem conhecem o que sejam caminhos em termos, agua em abundancia, justiça equitativa e prompta, ensino racional e vasto, solidariedade em summa entre as consciencias, e os interesses...

E no emtanto que majestade de natureza! que vastidão de horisonte! que opulencia de cambiantes!

Ah! Querida amiga, é mister que a educação d'este bom e amavel povo portuguez tenha em verdade sido bem descurada durante annos, durante seculos porventura, para que a despeito d'um ambiente paradiaciaco, tudo haja chegado a taes extremos de quasi inexplicavel abandono.

E estranham então alguns pessimistas e varios philosophos que um largo fosso nos separa dos povos de civilisação progressiva, mas o que ainda póde causar espanto é que tenha sido possivel resistir a tanto desgoverno, a tanta incuria, a tanto relaxismo.

A ignorancia de mãos dadas com o egoismo operaram este milagre estupendo de um povo rico de seiva e de energia, possuidor de riqueza e de coragem, parecer afundarse irremissivelmente, victima da inconsciencia dos grandes e do infortunio dos pequeninos.

Emfim é possivel, conforme mais de uma occasião o tenho escripto, que o entusiasmo de alguns centos de irmãos nossos de veras crenes no advento de melhores e mais festivos dias, consiga outro milagre, igualmente estupendo: — o de a todos nos salvar do descabro e da cegueira, descabro e cegueira em que se afundam uns e em que mergulham outros.

Se em nossa estrada encontrassemos «um bello rosto ou uma linda mão que n'um momento conseguisse o que espirito, bondade de coração, serviço e affeição de amigos, não obtiveram ainda em annos» — tal o que por exemplo realisou na livre Inglaterra uma simples e desprotegida mulher, a benemerita e inolvidavel Florence Nightingale, que toda uma nação acaba de piedosamente acompanhar ao tumulo, talvez que ainda em breves annos o futuro de

Portugal despontasse esperançoso e risinho, e que forasteiros de passagem, acolhidos fidalgamente em solarengas residencias (onde a bondade provando ser irmã da beleza não se esquece de ir sempre espalhando perfumes e esbatendo arestas), — como agora pessoalmente me succede — podessem entoar hymnos de louvor e de alegria aos que então houverem convertido cada recanto d'este solo que o sol aquece e a graça envolve, não já em jardim onde apenas a natureza esplende, mas em vasto e florido campo onde a sociabilidade, a paz e a abundancia para todo o sempre se enraizaram, e robusteceram.

E' possível que áquellas linhas que atraz aspei, e que são de La Bruyère, V. Ex.^a ache um resaiço de messianismo; com messianismo ou sem elle, o que ellas porém pintam é um estado d'alma commum a mais de um ingenuo entre o numero dos quaes, a minha amiga muito bem sabe eu de ha muito figura

Mas, que quer? cessar de ser ingenuo em certos assumptos, seria cessar de viver, e viver não significa só existir, significa tambem — esperar...

AFFONSO VARGAS.



PORTUGAL

Temos sobre a mesa uma nova composição para piano sobre motivos populares. Tem por titulo *Canções e Fados* e visa despretenciosamente a passar em revista um certo numero de trechos, dos que mais tem agradado ao povo nos ultimos tempos.

E' a primeira obra do sr. José da Costa Pinheiro, que mostrou realmente bom gosto na escolha dos motivos d'esta rapsodia ou *pot-pourri* popular, e que com certeza nos dará no futuro identicos trabalhos, com mais acabada factura.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

*

Na *Real Academia de Amadores* está aberta a matricula para a frequência das aulas de musica, que reabrem em principio do proximo mez de outubro. Na secretaria da Academia (R. de S Pedro d'Alcantara, 55) fornecem-se os impressos para os re-

querimentos e dão-se todos os esclarecimentos.

*

Temos presente a segunda edição de um interessante *Perfil*, publicado ha annos por Antonio Arroyo, sobre o distinctissimo musico e intemerato propagandista d'arte, Bernardo Moreira de Sá.

A edição é agora augmentada com varias notas, recortes de jornaes, etc. prefazendo um volume de mais de cem paginas, que a casa Moreira de Sá distribue gratuitamente a todos os que se interessam pela arte.

*

Um bocadinho de estatistica, que talvez interesse aos amadores de curiosidades.

Durante o anno de 1909, a tabella dos instrumentos musicos que entraram na alfandega de Lisboa accusa as seguintes cifras:

<i>Pianos, Harmoniums, Pianolas</i>	343
<i>Harpas</i>	1
<i>Violinos, etc</i>	133
<i>Violoncellos, etc</i>	8
<i>Violas francezas, etc</i>	124
<i>Instrumentos de latão</i>	1
<i>Instrumental para banda</i>	1
<i>Realejos</i>	1
<i>Accordeons</i>	6615

A conclusão mais interessante que podemos tirar do quadro é que o verdadeiro, o grande entusiasmo artistico do povo de Lisboa, está no... accordeon

Uma bagatella de 6615 accordeons n'um anno, ou seja um accordeon para cada 54 habitantes, é cousa que nos deve encher não só de boa musica e do concomitante jubilo, mas sobretudo d'um legitimo orgulho pelo progresso da nossa boa terra!

ESTRANGEIRO

Teem assumido uma grande importancia artistica os concertos orchestraes de San Sebastian, dirigidos pelo maestro Arbós.

Durante o mez de agosto realisaram-se nada menos de tres séries ou cyclos, qual d'elles o mais interessante. Sob o titulo de *Concertos Classicos*, exclusivamente symphonicos, fez ouvir a excellente orchestra madrilena, entre outras obras, a 5.^a e 6.^a *Symphonias* de Tschaikowski, a 5.^a e 6.^a de Beethoven, fragmentos de Wagner, Berlioz e outros auctores antigos e modernos.

Em 12 concertos, chamados *Artísticos*, tomaram parte além da orchestra alguns solistas de grande valor, o meio-soprano Eleonora de Cisneros, a cravista e pianista Wanda Landowska, o violoncellista André

Hekking, o violinista Blanco Recio, a harpista Luisa Menarguis, tenor Serna e pianistas Joseph Sliwinski, Julia Parody e Germaine Arnaud. Essa pleiade de notabilissimos artistas deu logar a que se podessem apreciar obras de alta transcendencia, como os *Concertos* de Bach, Mozart, Brahms, Rubinstein, Lalo e Saint-Saëns, etc.

Houve ainda quatro festivaes wagnerianos, que constituem certamente o clou artistico d'esta excepcional epoca balnear.

N'estes festivaes, em que tomaram parte a orchestra Arbós, soprano Kacerowska, tenor Plamondon e barytono Frölich, executaram-se importantes fragmentos do *Tannhauser*, *Lohengrin*, *Tristão e Isolda*, *Návio fantasma*, *Mistres Cantores* e *Tetra'logia*, ou seja, salvo o *Rienzi* e o *Parsifal*, alpha e omega da portentosa literatura wagneriana, quasi uma revista de tudo o que escreveu de mais sublime, o sublime cantor de Bayreuth.

Como se vê, em poucas estações de banhos terá havido um tão excepcional regalo de boa musica.

*

Em Malines teve logar um concurso de sineiros, ou para melhor dizer de tocadores de carrilhão.

Na alta torre da cathedral de Saint-Rambaud, onde se verificava o concurso, perpassou um vasto repertorio de sinos, onde além de figurarem as obras adequadamente feitas para carrilhão, se notavam tambem transcripções de obras de Bach, Beethoven, Haendel, peças d'opera e operetas modernas, etc.

O premio d'honra, que consistia em uma preciosa peça d'arte offerecida pelo rei Alberto, assim como varios premios pecuniaros que haviam sido offerecidos pelas autoridades de Malines, foram calorosamente disputados não só pelos muitos profissionaes sineiros que ha na Belgica, mas até por dois amadores!

O vencedor do primeiro premio, Rolliers, foi levado em triumpho entre exclamações entusiasticas do povo.

*

Murmura-se nm pouco sobre as representações wagnerianas de Munich. Segundo parece, não tiveram este anno o brilho e perfeição que ha o direito d'exigir em espectaculos, a que os espectadores, na maioria estrangeiros, sacrificam boa somma de tempo e de dinheiro.

Não sabemos o que haverá de positivo n'esta noticia, tanto mais que dimana de jornaes francezes, ligeiramente, suspeitos n'este capitulo. Antigamente, as represen-

tações de Munich eram altamente cotadas e em nada inferiores ás de Bayreuth. O que se passará hoje?

*

Ruggiero Leoncavallo trabalha actualmente em uma nova opera, *La Foscarina*, cujo libretto é de Angelo Nessi e G. Macchi.

O seu *Malborough* deve ser cantado na proxima epoca no theatro «Apoilo» de Paris.

Falleceram os srs. Manuel da Conceição Gomes, antigo musico da Banda dos Amadores, e Victor Manuel da Silva, musicocantor da Sé Patriarchal e antigo director d'orchestra do theatro Avenida.

*

Falleceu tambem, ha poucos dias, o sr. Augusto José de Carvalho, segundo mestre da capella da Sé e considerado compositor de musica theatral e sacra. Contava 62 annos.

Tendo cursado com distincção o Conservatorio, nas aulas de harmonia e contraponto, obteve em 1870 um logar de cantor na Sé. Entre as suas muitas composições, contam-se umas *Matinas* de S. Vicente, varias missas e *Te-Deum*, um *Requiem* e *Libera me*, destinados aos enterros reaes, etc, e no dominio da musica profana deixou algumas peças ligeiras para theatro, magicas, etc.

Foi tambem, durante 30 annos, director da antiga orchestra do Gymnasio e era professor da aula de musica da Sé Patriarchal, onde tambem assumira, desde 1891, a regencia da orchestra, na qualidade de segundo mestre.

Augusto de Carvalho havia sido agraciado, por el-rei D. Carlos, com o habito de S. Thiago.

*

No estrangeiro, os artistas de mais nomeada que falleceram ultimamente são os seguintes:

Gustave Léon Huberti, compositor belga e professor de harmonia no Conservatorio de Bruxellas.

Arthur Cocquard, compositor e critico musical, de que daremos mais larga noticia no proximo numero.

Giovanni Tamagno, antigo barytono hoje retirado de scena, irmão do celebre tenor do mesmo apellido.



Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi, Peters, Breitkopf, Litolff, Steingraber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade

M. A. BRANCO & C.^a

Papelaria Progresso

151, RUA DO OURO, 155

Officinas a vapor

Rua do Crucifixo, 60 a 66

LISBOA

Gravura Heraldica e Commercial.—Carimbos de borracha.—
Typographia.—Lithographia.—Bilhetes de visita em todos os
generos, facturas, circulares, menus e mais trabalhos de
pequeno e grande formato, tanto em typographia como em
lithographia.—Timbragem de monogrammas a cores, bronzes,
prata e oiro

PIANOS das principaes fabricas :
Bechstein, Pleyel,
Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

MUSICA dos principaes editores. *
Edições economicas.
Aluguel de musica.

INSTRUMENTOS DIVERSOS, taes como :
Bandolins,
Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os Catalogos.
Lambertini : — Pr. dos Restauradores

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
 Rei d'Inglaterra.— Rei de Hespanha.— Rei da Ro-
 mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia
 e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—
 Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

LOUIS
 RHEAD

* **Lambertini** *

REPRESENTANTE —
 — e Unico depositario

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

PRAÇA DOS RESTAURADORES

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes
 tiragens

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

Caressa 
&
 **Français**
Celebre
Violaria
parisiense

Violinos de superior fabrico
30\$000, 70\$000, 120\$000

Accessorios para Instrumentos d'arco
(Especialidade)

Representante
em Portugal


Lambertini


Ernesto Vieira

Diccionario biographico de mu-
sicos portuguezes, 2 vol., ador-
nados com 33 retratos, fóra
do texto e na sua maior parte
absolutamente ineditos, broch.
4\$000 réis.

*Encadernado com capas espe-
ciaes 5\$500 réis.*

Diccionario musical, ornado de
numerosas gravuras (2.ª edi-
ção) 1\$800 réis.



Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua das Gaiotas, 20 C, 1.º E.*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano. *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim. *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Amelia Cunha**, professora de piano, *R. Rosa Araujo, 31, 1.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Arthur Trindade**, professor de canto, *R. Barata Salgueiro, 11, 1.º*
- Carlos A. Tavares d'Andrade**, prof. de piano, *P. do Tijolo, 52, 4.º E. (á R. D. Pedro V).*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 12, C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello. *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Eugenia Mantelli**, professora de canto e piano, *Rua de S. Roque, 84, 2.º*
- Flora J. Nazareth e Silva**, professora de piano, *R. N. do Loureiro, 12, 1.º D.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 2.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.^{me} Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$ 200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$ 800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa